

MAIS AGROPECUÁRIA PARA MAIS INDÚSTRIA

*** Roberto Rodrigues**

De vez em quando voltam a circular pela mídia matérias e comentários criticando o modelo brasileiro de exportações de produtos primários (minérios e commodities agrícolas), com o precedente argumento de que deveríamos ampliar a participação dos serviços e produtos industrializados que têm valor agregado muito maior.

Ninguém deseja que o Brasil seja eternamente um país agrícola apenas. Qualquer pessoa sonha com a geração de empregos qualificados na indústria e no setor de serviços, com renda melhor para a massa trabalhadora.

Mas estes itens não são excludentes. Ao contrário, complementam-se.

O aumento da área plantada e da produção agropecuária demandam, por exemplo, mais máquinas e implementos agrícolas (tratores, arados, grades, subsoladores, sulcadores, retroescavadeiras, aparelhos de irrigação, carretas, cultivadores, plantadeiras, calcareadeiras, roçadeiras, colhedadeiras, caminhões, vagões, locomotivas, trilhos), e tudo isso exige uma siderurgia moderna e eficiente; também demandam mais sementes, corretivos, defensivos, fertilizantes, e isto exige tecnologia e uma indústria de insumos competitiva; demandam armazéns e silos, transporte multimodal, portos, sistemas de transbordo, o que exige uma construção civil avançada, escritórios de logística super qualificados e estruturados, bem como a produção e distribuição adequada de energia e uma moderna rede de comunicação e informação. Tudo isso é indústria.

Por outro lado, a crescente produção da matéria prima agrícola a preços competitivos com o resto do mundo dá margem ao explosivo aumento da indústria de alimentos, que, aliás, foi um dos setores que mais evoluíram em nosso país. E não só de alimentos, mas também de roupas e calçados, instrumentalizando a indústria da moda. E a de agroenergia, barateando os custos dos combustíveis e reduzindo as emissões de CO₂.

E é claro que no entorno de todo este imenso aparato industrial que depende diretamente da produção agropecuária – e que compõe o agronegócio – ainda vem à indústria de eletrodomésticos (geladeiras, fogões, microondas, liquidificadores, batedeiras, centrifugas) e a de pratos, copos, toalhas de mesa, talheres e tantos mais. Sem esquecer da poderosa indústria de embalagem...

Portanto, o setor agropecuário está por trás da monumental revolução industrial que o Brasil vem experimentando.

Tanto é verdade, que a participação do agronegócio no PIB do país vem diminuindo: passou de 28,4%, em 1994, para 26,4% em 2008, embora o valor absoluto tenha crescido de R\$ 555,8 milhões para R\$ 764,5 milhões no mesmo período, a valores de 2008, segundo os dados do CEPEA/USP.

E mais do que isso: o FAO mesmo explica que até 2050 o mundo precisa ampliar em 70% a sua produção de produtos agrícolas para alimentar e vestir a população exponencialmente crescente, em especial nos países em desenvolvimento.

E todo mundo sabe que as áreas para este crescimento estão na América do Sul e na África Subsaariana. Mas todo investidor sabe que o Brasil é o país que detêm a melhor condição de atender esta demanda, pela disponibilidade de terra, pela eficiente tecnologia agrícola tropical e por ter um agricultor altamente capacitado.

Seguramente, o aumento das exportações agrícolas ajudará a industrializar ainda mais o nosso país.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**